

diálogos com a

GERAÇÃO Z

fronteiras educação

Ano 4 | #01 | 2013

A CONTEMPORANEIDADE
E A REINVENÇÃO
DA DEMOCRACIA





NOVA FORÇA HISTÓRICA

Desde a Primavera Árabe, em dezembro de 2010 e ao longo de 2011, o mundo despertou para uma surpresa: mobilizadas pela internet, multidões saíram às ruas para protestar contra o regime, e enfrentar a repressão de governos autoritários até derrubá-los, dando início a uma nova fase histórica, de resultado ainda incerto. Os árabes, em sua maioria fiéis muçulmanos, aparentemente domesticados em uma condição subordinada, protagonizaram as maiores revoltas populares das últimas décadas, em escala global. Mais surpreendente ainda foi a forma da mobilização: redes sociais, celulares, um tecido de comunicação digital capaz de escapar ao controle do Estado, e levar às ruas, em gestos de ousadia e destemor histórico. Como disse o cineasta iraniano Mohsen Makhmalbaf, ativista pelos direitos civis, no palco do *Fronteiras do Pensamento*, em 2011: “Parem com este boicote irracional, precisamos apenas de internet wi-fi para toda a nação, e isso vocês podem mandar via satélite, não precisam ampliar a miséria da nação iraniana e com isso reforçar o poder dos tiranos.” Os iranianos seguem aguardando este insumo fundamental da atualidade: internet acessível e rápida.



No Brasil, adormecido “em berço esplêndido”, em junho de 2013, vimos o mesmo processo, e os jovens foram às ruas, assumindo a angústia de toda a sociedade. Foi um dos momentos mais importantes da história recente do País. Naquele mesmo contexto, passava por Porto Alegre o sociólogo Manuel Castells, conferencista do *Fronteiras do Pensamento*, teórico das redes sociais e da era da internet, e ofereceu chaves excelentes para a compreensão do fenômeno. Outros pensadores deixaram aqui ideias que nos ajudam a ponderar a sociedade contemporânea, e é isto que oferecemos neste fascículo *A contemporaneidade e a reinvenção da democracia*, onde examinamos esta nova força histórica, o jovem que desperta para a rua política na era digital.

Se Essa Rua, Se Essa Rua Fosse Minha...

Nossos pais, avôs e mestres devem lembrar, com muitas saudades, de suas infâncias vividas na rua. Entre futebol, bolinha de gude, cirandas e esconde-esconde, a rua era o local do jogo e das brincadeiras, do encontro entre os vizinhos, o espaço do comum. É claro que esses não eram os únicos acontecimentos na rua, mas ela, como espaço social, representava esse ponto de reunião, numa cidade que ainda não tinha muitos edifícios e nem um trânsito tomado por carros e outros veículos.

Com o processo de formação das grandes cidades, a rua foi se tornando um lugar perigoso, do qual tendemos a desconfiar, pelo qual transitamos rapidamente, atentos a todas as direções que nos cercam até encontrar quase o alívio de estarmos finalmente em casa. A rua, assim, tornou-se o lugar do desconhecido, da violência, da bala perdida, da desconfiança, do acidente e do assalto. Antes reservada aos risos e cantigas, a rua se tornou simbolicamente o espaço social do perigo, da insegurança e da desproteção. Entretanto, o tempo também trouxe novos e diferentes olhares sobre a rua. Por exemplo, a arte de rua pensa a cidade e o espaço público como palcos de comunicação coletiva. E há também instâncias em que a rua é transformada em casa, como no Carnaval e nas festas religiosas.

Hoje, manifestações e protestos ocupam as ruas, trazendo um novo olhar sobre elas: a possibilidade da mudança e da reivindicação. Projetos de engajamento cívicos percebem a rua como espaço de colaboração cidadã. A rua é, então, um espaço múltiplo e diverso que nos lança uma pergunta: se essa rua, se essa rua fosse sua, em que você a transformaria?



A CONSTRUÇÃO DA NOSSA RUA

Na década de 1950, vivia-se no Brasil uma série de transformações tão radicais que a sensação dos brasileiros era a de que poucos passos seriam necessários para passar de uma nação rural a uma nação “moderna”. A incorporação de padrões de produção e consumo, entre 1945 e 1964, levou a um importante processo de industrialização. Em 1964, o governo militar (1964-1985) impõe um “modelo” econômico, social e político próprio. As consequências negativas dessa mudança não eram fáceis de perceber no momento, deixando uma sensação de “melhoria” e “progresso”.

Começou, então, um deslocamento permanente para as cidades. O Estado construiu estradas que facilitaram a migração e aumentaram o consumo da indústria automobilística. Também foi criada uma infraestrutura econômica e social (eletricidade, polícia e justiça, escolas, postos de saúde etc.) nas cidades. Surgiram os eletrodomésticos, além dos supermercados e dos *shopping centers*. É dessa época, também, o hábito de “comer fora”, com a multiplicação de restaurantes ou lanchonetes.

A ditadura no Brasil foi fechando os espaços de atuação pública e despolitizando a rua. O governo investiu na indústria televisiva, porque viu nela uma das formas mais eficientes para sua legitimação. Foi criado o Ministério das Comunicações e facilitada a compra de televisores a crédito.

Assim, o Brasil, 80 anos após o fim da escravidão, parecia estar ingressando no “Primeiro Mundo”, mas, na realidade, dava os primeiros passos para uma grande desigualdade social. As diferenças culturais regionais começaram a se apagar. O foco passou a ser a busca de um público maior, a industrialização generalizada da produção de bens materiais e a penetração massiva da indústria cultural em todas as áreas de produção de bens simbólicos.

Aquele brasileiro que atravessara a fronteira rural expulso pela pobreza passou por um rápido processo de desconstrução e de reconstrução de um Brasil ao qual teve que se adaptar. Perdeu, entre outras coisas, seus canais habituais de articulação com a comunidade – “canais” que iam do campinho de futebol de várzea à participação sindical, da festa de rua às eleições diretas. A esse brasileiro foi apresentada a TV como novo espaço público.

#Roberto DaMatta (1936)

Antropólogo brasileiro, é bacharel em História, com especialização em Antropologia Social, com mestrado e doutorado pela Universidade de Harvard. Escreve regularmente para os mais importantes jornais do Brasil e dedica-se, sobretudo, à análise e interpretação da sociedade brasileira.

CASA e RUA



PESSOA e INDIVÍDUO

A casa e a rua (Rocco, 1988) é o título de um livro de **Roberto DaMatta**, um dos grandes intérpretes do Brasil. Usadas como metáforas para ajudar a entender o comportamento, as relações e as contradições da sociedade brasileira, **CASA** e **RUA** são espaços físicos, mas também imaginários. Enquanto o tempo da casa é medido pela hora do almoço, da novela, do sono, quanto o tempo da rua é geralmente medido pelo relógio com horários e rotinas fixas. A casa é o espaço da compreensão, do diálogo, da individualidade; a rua é lugar do anonimato, da impessoalidade.

Expressões como "vá para o olho da rua!" e "estou na rua da amargura!" denotam rompimento e solidão, estar sujeito às normas vigentes da rua. Essa concepção é herança da nossa origem colonial de base escravista, que reservava o espaço da rua para os escravos e os ambulantes. Porém não haveria uma oposição absoluta, pois também na rua há espaços onde determinados grupos sociais vivem como "se estivessem em casa".

#coronelismo

Sistema popularmente conhecido do início do período republicano no Brasil (final do século XIX e começo do XX), quando a política era controlada e comandada pelos coronéis (ricos fazendeiros).

#sociedade do compadrio

Sistema social em que as relações de compadrio, de família, de amizade e de troca de interesses e favores constituem um elemento fundamental.

Esse modo de ver a nós mesmos pelo lado da casa e os outros pelo lado da rua é para o autor uma marca cultural, um ambiente que respiramos, embora muitas pessoas e instituições se guiem por uma ética diferente. Construimos, então, conforme DaMatta, uma ética do **coronelismo**, do favor, uma **sociedade do compadrio**. Isso significa, por exemplo, que cuidamos primeiro dos nossos, que quando alguém está no volante tende a ser particularmente intolerante com os outros, que achamos normal o roubo da coisa pública, predestinada para o furto; que temos gosto em fumar em local proibido, que temos o dever de perguntar ao amigo do peito o que ele quer quando entramos no governo, que queremos a lei para os outros e a exceção para os nossos.

O Brasil padece de uma indecisão entre a ética da casa, que privilegia parentes e amigos, e a da rua, que prevê a aplicação igualitária da lei. Para DaMatta, enquanto essa confusão não for resolvida, a corrupção e a ambiguidade ideológica continuarão a reger a política nacional. Precisamos reinventar a rua como espaço social e compreendê-la não mais como o espaço de ninguém ou do mais forte, e sim o espaço de todos, da mudança, da transformação, do compartilhamento.

APROPRIAÇÕES DAS RUAS CONTEMPORÂNEAS

A rua é também lugar da arte. Na Grécia antiga, os aedos eram artistas que percorriam o país cantando um repertório de lendas e tradições populares. O mais célebre dos aedos foi Homero. Posteriormente, na Idade Média, as primeiras obras literárias eram elaboradas em versos, declamados em ruas, praças, festas e palácios. Nessa mesma época, as festas medievais populares contavam com apresentações teatrais, com os atores imóveis e congelados numa pose expressiva, dando a impressão de uma pintura. Para essa forma de arte deu-se o nome de "quadros vivos".

A expressão "arte urbana", que inicialmente foi associada ao urbanismo culturalista, ressurgiu e passou a incluir todo tipo de expressões criativas no espaço coletivo, identificando a arte que se faz no contexto urbano à margem das instituições públicas. Grafite, estátuas vivas, músicos, malabaristas, palhaços e teatro de rua são algumas dessas manifestações.

VAMOS CUIDAR DA CIDADE

A estudante de jornalismo Renata Gomes chamou 80 pessoas para retirar uma tonelada de lixo da orla do Guaíba, e isso se tornou possível graças ao **Porto Alegre.cc**. Espaço para discutir a cidade, permite o debate da história, da realidade e do futuro de territórios específicos e a criação de causas pelas quais lutar coletivamente. Criada pela empresa Lung e realizada pela Unisinos e a Prefeitura de Porto Alegre, a plataforma usa **wikispots** colaborativos sobre 82 bairros da cidade. O ".cc" do nome vem do termo Creative Commons, um tipo de licença de propriedade intelectual criado para compartilhar conteúdos culturais com todos.



#Porto Alegre.cc (2011)

Projeto colaborativo realizado na cidade de Porto Alegre que envolve uma plataforma digital em que os habitantes podem discutir sobre a cidade, sugerir mudanças e reunir pessoas para realizar as melhorias propostas.

"a rua é generosa,
é transformadora
de línguas, matando
substantivos,
transformando a
significação dos
termos, impondo aos
dicionários as palavras
que inventa."

João do Rio



Ninguém sabe quem é Banksy, o artista de rua, grafiteiro, pintor, ativista político e diretor de cinema que, com estêncil e *spray*, tem deixado a marca de sua irreverência em paredes de cidades do mundo inteiro, de Londres à Palestina. Sabe-se apenas que teria nascido em Bristol, no sul da Inglaterra, onde iniciou suas atividades. A obra de Banksy, porém, é inconfundível: ratos de guarda-chuva, macacos ameaçando dominar o mundo, comentários mordazes sobre a sociedade contemporânea, o consumismo, as guerras e o conformismo. Sua arte em grafite ganhou fãs em toda parte, é amplamente reproduzida pela internet e suas pinturas são vendidas a preços altos.



O SURGIMENTO DA JUVENTUDE

As idades em que dividimos nossas vidas não são apenas ligadas à natureza, mas também a construções históricas e sociais. Não há uma idade que defina, universalmente, quando alguém entra na adolescência ou na juventude. Isso varia de cultura para cultura e de indivíduo para indivíduo.

Erik Erikson define o início da adolescência aos 13 anos, indo até os 19, quando começa a juventude. Para Erikson, o que define o adolescente é a necessidade de afirmação da identidade, a boa e velha pergunta “quem sou eu?”. Já para o jovem essa definição inicia no momento em que está relativamente satisfeito consigo mesmo, tem algumas bases concretas de sua própria vida e, assim, está disposto a fundir sua identidade com outros.

Esse período de construção do indivíduo é um fenômeno social recente. E o que é a adolescência? É uma categoria **entre** a saída da infância protegida no casulo familiar e a vida adulta com uma carreira, uma profissão ou um casamento. E é esse **entre** que não existe nas sociedades tradicionais. O filósofo **Edgar Morin** explica: “Em uma sociedade tradicional, crianças de pouca idade são obrigadas a trabalhar, algo que acontece ainda hoje em vários países. Em sociedades ainda mais antigas, não existia adolescência, mas sim cerimônias de iniciação que faziam com que as crianças passassem para a categoria de homem”.

#Erik Erikson (1902-1994)

Psiquiatra alemão responsável pelo desenvolvimento da Teoria do Desenvolvimento Psicossocial, que ensina que o crescimento psicológico ocorre através de estágios que dependem da interação entre fatores biológicos, psicológicos e sociais.

#Edgar Morin (1921)

Antropólogo, sociólogo e filósofo francês, considerado um dos grandes intelectuais do século XX, já escreveu mais de 60 livros nos quais integra diversos modos de pensar, opondo-se ao pensamento linear, reducionista e isolado. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* nos anos de 2008 e 2011.

Um tempo para a educação

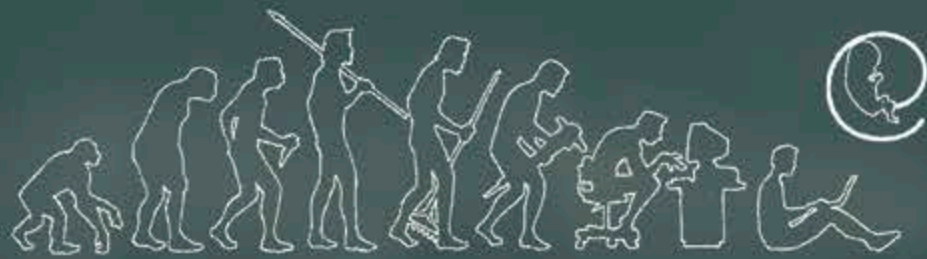
O período da adolescência começa a existir com a escolarização, que supõe uma separação entre seres adultos e seres em formação. Antes da obrigatoriedade escolar, o aprendizado acontecia já na iniciação ao trabalho, que marcava a entrada na vida adulta. Na França, uma lei de 1841 passou a limitar a 8 horas o trabalho das crianças entre 8 e 12 anos e a 12 horas o dos adolescentes entre 12 e 16 anos. Ao mesmo tempo, a lei obrigava os patrões a oferecerem educação a seus jovens trabalhadores.

Com a obrigatoriedade de ir à escola, o jovem ganhou tempo para aprender sobre o mundo que enfrentará na próxima fase. Essa educação implica um caráter conflitante. **Émile Durkheim** diz que a educação é uma ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que ainda não se encontram preparadas para a vida social. Ou seja, o velho se impõe sobre o novo, o passado informa o futuro e isso define as relações entre adultos e jovens, define o lugar no mundo de cada idade da vida.

Para compreender e ajudar nesses conflitos inerentes às estruturas que dividimos a vida, surge a sociologia da juventude, que analisa os processos de ruptura do jovem e de transformação da sociedade. Ela estuda ambos os aspectos – a força do passado no futuro (do adulto sobre o jovem) e a força do futuro sobre o pensamento do passado (o poder de mudança do jovem).

#Émile Durkheim (1858-1917)

Sociólogo francês, considerado um dos pais da Sociologia, tendo sido o responsável por tornar essa ciência um estudo acadêmico.



DILEMAS DA CONTEMPORANEIDADE

De modo geral, pode-se dizer que a “juventude” condensa os medos e as esperanças. No entanto, as aflições que os jovens sentem não são apenas suas. Para a sociologia, elas são vistas como símbolo das angústias de toda a população.

Por representar e manifestar medos e esperanças, por muito tempo a juventude foi abordada como um “problema social”: o jovem seria uma ameaça à continuidade social. O amadurecimento do olhar da sociologia e da psicologia sobre a juventude passou a compreender que o jovem era, sim, uma ameaça, mas não à existência da sociedade, e sim à sociedade como ela se apresenta – ou seja, o jovem era a figura que representava a transformação da sociedade, sua renovação.

O indivíduo está em um momento de transição no ciclo de vida, da infância para a maturidade, que corresponde a um período em que se torna membro do coletivo. É um momento crucial para a continuidade social: é quando a integração deste se efetiva ou não – e é nessa hora, que implica acordos entre hábitos, desejos, leis e planos próprios, que tanto o indivíduo como a sociedade se transformam.

RECLAMAR DOS JOVENS É UMA CONSTANTE HISTÓRICA:

“O mundo está indo para o inferno em uma cesta de mão, porque os jovens não têm respeito, não têm conhecimento, não respeitam os mais velhos, não gostam de autoridade.”
Hesíodo, filósofo grego – século VIII a.C.

Anos 1950
Rock'n'Roll / Geração Beat
Anos 1960 - Hippie
Anos 1970 - Punk
Anos 1980
Góticos / New Age
Anos 1990 - Grunge
Anos 2000
Hipsters / Geração Z

Juventude no divã

Todo indivíduo precisa do outro. Em todas as fases da nossa vida, precisamos nos relacionar com o outro. A ideia de uma liberdade total, desligada dos laços e das responsabilidades, acabou reduzindo nossa capacidade de convivência com o outro, de sermos transformados e transformarmos o mundo em que vivemos de forma pacífica e amorosa.

Isso tem gerado um paradoxo: o adolescente vive pela liberdade se sentindo solitário. A psicologia tem tentando libertar o jovem desta ideia de liberdade que se resume ao somatório de prazeres, que exclui os fracassos e os dissabores. Também tem tentando mostrar ao jovem que nem tudo é bom na vida, que aprendemos muito sobre nós mesmos com a derrota e com a dor. Ao compreender que não é apenas um indivíduo livre, mas também um membro de uma comunidade que pode abraçá-lo se ele souber e quiser participar dela, o jovem desenvolve a capacidade de se relacionar, de aprender e de agregar.

O JOVEM BRASILEIRO

Quais são as prioridades dos jovens no Brasil hoje? Uma pesquisa divulgada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), em 2013, mostrou que educação, saúde e alimentação estão entre as principais preocupações dos brasileiros entre 15 e 29 anos. 11 mil pessoas foram entrevistadas antes da maior onda de protestos no País nos últimos 20 anos.

Para 85,20% dos jovens brasileiros, a prioridade é a educação de qualidade, seguida dos serviços de saúde (82,70%). Na sequência das prioridades, temos alimentação de qualidade (70,10%) como terceira menção mais frequente. Incidentalmente, esses três elementos representam, no campo das políticas públicas, os três componentes do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da ONU. Governo honesto e atuante aparece como a quarta prioridade dos jovens no Brasil, com 63,50%.

Em pesquisa mundial feita através da internet pelas Nações Unidas, a ordem de prioridades global concorda com a dos jovens brasileiros.

PRIORIDADE	JOVENS	NÃO JOVENS
Educação de qualidade	85,20%	80,50%
Melhorias em saúde	82,70%	86,60%
Alimentação de qualidade	70,10%	76,10%
Governo honesto e atuante	63,50%	65,70%
Proteção contra violência	49%	52,30%
Oportunidades de trabalho	46,90%	43,90%
Melhorias em transportes	40,90%	37,90%
Apoio às pessoas que não podem trabalhar	35,10%	38%
Acesso a água e saneamento	27,40%	28,60%
Proteção de rios, oceanos e florestas	20,10%	19,20%
Acesso à energia em casa	19,90%	19,10%
Fim do preconceito e da discriminação	19,50%	15,90%
Igualdade entre homem e mulher	11,70%	12,50%
Liberdades políticas	10,50%	8,20%
Acesso ao telefone e à internet	10%	8,30%
Combate a mudanças climáticas	7,30%	7,10%

POROROCA JOVEM

Nunca houve tantos jovens no País. Atualmente, o Brasil possui 50 milhões de jovens, que correspondem a 26% do total da população (proporção muito próxima à média mundial). O crescimento começou em 2003 e manterá esta média de 50 milhões de jovens brasileiros até 2022 – quando iniciará uma redução que, em 20 anos, deverá encolher o número de jovens para 12,5 milhões. Com base na pesquisa, Marcelo Neri, presidente do Ipea, diz que este é o momento para mudanças: “O Brasil precisa aproveitar ao máximo a longa duração da pororoca jovem para impulsionar suas transformações sociais e econômicas”.

Direito à Liberdade e à Indignação!



“TODA PESSOA TEM DIREITO À LIBERDADE DE PENSAMENTO, CONSCIÊNCIA E RELIGIÃO.”



“TODA PESSOA TEM DIREITO À LIBERDADE DE OPINIÃO E EXPRESSÃO.”



Fotos Semilla Luz / Flickr

“TODA PESSOA TEM DIREITO À LIBERDADE DE REUNIÃO E ASSOCIAÇÃO PACÍFICAS.”

Em 1948, na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), foi aprovado um documento chamado Declaração Universal dos Direitos Humanos. O documento defende a igualdade e a dignidade das pessoas e reconhece que os direitos humanos e as liberdades fundamentais devem ser aplicados a cada cidadão do planeta. Os excertos ao lado fazem parte dessa declaração.

Stéphane Hessel é um dos autores da Declaração e também sobrevivente dos campos de concentração nazistas. Embaixador da França e membro da resistência durante a Segunda Guerra Mundial, Hessel se tornou mundialmente popular com o livretto *Indignai-vos*. A pequena obra, com pouco mais de 30 páginas, foi lançada em 2010 e tornou-se um manifesto pelo poder de indignação dos homens.

A semente da indignação plantada por Hessel encontrou eco, principalmente nos jovens. Suas palavras resumiram e profetizaram uma onda de levantes populares em muitas regiões do planeta. A Primavera Árabe deixou eclodir movimentos revolucionários que já conseguiram derrotar três ditaduras: na Tunísia, no Egito e na Líbia. Lutavam por liberdade de expressão, dignidade, qualidade de vida, melhores condições de alimentação, saúde, empregos – todos os itens prescritos por Hessel e pelos autores da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

“Vivemos em uma interconectividade que nunca existiu antes. Mas neste mundo há coisas insuperáveis. Para vê-las é preciso olhar bastante, procurar. Digo aos jovens: procurem um pouco, vocês vão encontrar. A pior das atitudes é a indiferença, é dizer ‘não posso fazer nada, estou me virando’. Quando assim se comportam, vocês estão perdendo um dos componentes indispensáveis: a capacidade de se indignar e o engajamento, que é consequência dessa capacidade.” *Stéphane Hessel*

O pensamento anarquista

Em 1840, o filósofo político e econômico francês Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) escreveu a obra *O que é a propriedade?*, em que critica o capitalismo, sistema em que o proprietário detém os meios de produção e, portanto, detém também o valor do trabalho. Ao empregar trabalhadores, argumenta o filósofo, a tendência do patrão será a de pagar a eles o menor salário possível e receber a maior quantia possível de dinheiro por seus trabalhos. Ou seja, ter o mínimo custo e o maior lucro.

O revolucionário russo Mikhail Bakunin (1814-1876) foi um dos maiores apoiadores das teses de Proudhon. Não acreditava em nenhuma forma de governo.

Bakunin apoiava a instrução integral e igual para todos como forma de igualar as condições. Foi o “pai” do anarquismo coletivista, em que os trabalhadores administrariam seus próprios meios de produção através de associações. Ele almejava construir “uma organização política, econômica e social na qual todo ser humano sem prejuízo das suas particularidades naturais e individuais encontrasse igual possibilidade de se desenvolver, instruir, pensar, trabalhar, agir e desfrutar a vida como um homem”.

Bakunin e Proudhon foram os expoentes do pensamento chamado anarquista, que, ao longo da história, se desdobrou em diversas correntes.

O filósofo **Michel Onfray** adotou o termo pós-anarquismo para descrever seu pensamento sobre política e ética. Onfray vê o Estado como útil e o voto como possibilidade de expressar a luta de poderes. A diferença é que, para ele, os contratos sociais que regem as relações entre os indivíduos não vêm de um poder político acima do povo, mas sim dos próprios homens. Onfray diz que é necessária a preocupação com o desejo do outro, mas também é preciso comunicar o próprio desejo. As relações seriam estabelecidas a partir dessa comunicação: “Ninguém é obrigado a assinar um contrato. Porém, a liberdade de escolher supõe a obrigação de cumprir”.

#Stéphane Hessel (1917-2013)

Nascido na Alemanha e naturalizado francês, foi diplomata, embaixador e escritor.

#Michel Onfray (1959)

Filósofo e escritor francês, fundador da Universidade Popular de Caen, instituição baseada na isenção de taxas e no acesso livre, sem exigir qualquer qualificação acadêmica, comprometida em fornecer alto conhecimento para todos. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2012.

LIÇÕES SOBRE A RESISTÊNCIA

ZUMBI DOS PALMARES

No período de escravidão no Brasil (séculos XVII e XVIII), os negros que conseguiam escapar se refugiavam no meio das matas em locais conhecidos como quilombos. Nessas comunidades, viviam de acordo com a cultura africana. Na época colonial, o Brasil chegou a ter centenas de quilombos pelos atuais estados da Bahia, Pernambuco, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais e Alagoas.

Em 1630, Pernambuco foi invadido pelos holandeses, e muitos dos senhores de engenho abandonaram as suas terras. Os escravos, então, fugiram para o Quilombo dos Palmares, localizado em Alagoas. Em 1670, quando Zumbi chegou com apenas 15 anos, este já abrigava em torno de 50 mil ex-escravos. Com 20 anos, Zumbi tornou-se um respeitado estrategista militar e guerreiro, atuando na luta contra os soldados.

Em 1678, liderou um conflito interno e alcançou a liderança do quilombo, combatendo os portugueses durante 14 anos. Em 1695, reuniu mais de 20 mil homens e invadiu povoados de Pernambuco em busca de armas e alimentos. No dia 20 de novembro, Zumbi foi delatado por um antigo companheiro, sendo preso e degolado. O dia de sua morte é, desde 2003, comemorado como o Dia da Consciência Negra no Brasil.



OS PRIMEIROS PASSOS DE UMA NOVA DEMOCRACIA

Depois de 21 anos, chegou ao fim a Ditadura Militar no Brasil. Em 1985, foi eleito o primeiro presidente civil do País, escolhido por um Colégio Eleitoral. Em 1988, foi promulgada a nova Constituição, e, em 1989, finalmente os brasileiros puderam eleger o presidente da República. O escolhido foi Fernando Collor de Mello.

Collor prometia caçar os corruptos e apresentava uma imagem de renovação. Porém, em 1992, começaram a surgir denúncias de corrupção. Iniciou-se uma campanha pela ética na política, e os estudantes começaram a se organizar para protestar. Enquanto era instalada uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para averiguar as denúncias, os estudantes promoveram o movimento Caras-pintadas, exigindo o *impeachment* do presidente. O movimento tomou as ruas das principais cidades brasileiras e recebeu esse nome porque os estudantes reuniam-se com seus rostos pintados com as cores da bandeira do Brasil.

No dia 29 de dezembro de 1992, Collor renunciou ao cargo. Mesmo assim, o Congresso Nacional realizou o julgamento, o depondo do cargo e nomeando o vice Itamar Franco como presidente.

CONTRA A CULTURA

Os jovens, há muitas décadas, se opõem. Nos anos 1950, a sociedade era fortemente influenciada pelos conflitos da Guerra Fria, que colocavam em choque duas ideologias: o Capitalismo e o Socialismo. O primeiro parte de uma concepção de vida baseada na riqueza material e no bem-estar individual. Já o segundo está calcado em uma concepção igualitária em que o Estado organizaria a sociedade para eliminar as desigualdades sociais.

Dentro desse embate ideológico, eclodiu a contracultura. Contracultura foi um termo usado para caracterizar os diversos movimentos civis e políticos que ocorreram em diversos países do Ocidente, principalmente nos anos 1960 e 1970.

O sociólogo Manuel Castells argumenta que toda essa indignação atual que vemos pelo mundo não tem um objetivo pontual. Não saímos às ruas para termos um transporte melhor ou mais vagas nas escolas. Queremos tudo isso, mas não é isso que motiva nossa raiva – e a raiva é importante enquanto fator motivacional. Para ele, a raiva faz surgir qualquer pretexto que possa unir uma reação coletiva. É daí que surge a indicação de todos os motivos – o que cada pessoa sente a respeito da forma com que a sociedade em geral, sobretudo representada pelas instituições políticas, trata os cidadãos.

1960 – Híppies: grupos de jovens que viviam em comunidades, usavam cabelos compridos, roupas psicodélicas e lutavam de forma pacífica pela harmonia entre os seres humanos. Seu principal lema era “paz e amor” e, entre outros ideais, eram a favor da utilização de drogas, da revolução sexual, da ecologia e do misticismo.

1968 – Maio de 68: uma série de greves estudantis em Paris, após confrontos com a polícia, culminou numa greve geral com ocupações de fábricas em toda a França. Mais de dez milhões de trabalhadores se uniram aos estudantes. A população lutava contra uma sociedade conservadora, um sistema de ensino rígido, a falta de liberdade de expressão das mulheres, e todo o sistema cultural opressor.

1970 – Punks: Em reação ao otimismo hippie, surgem, em Nova York e Londres, bandas como Ramones, Sex Pistols e The Clash. Com visual agressivo, roupas rasgadas, cabelos espetados e atitude provocadora, criticavam a sociedade exploradora e estagnada.

1989 – Praça da Paz Celestial: Em Pequim, capital da China, manifestantes acamparam na praça para protestar contra o governo do Partido Comunista e contra as reformas econômicas, que aumentaram a inflação e o desemprego. Ao reprimir os manifestantes, as forças do governo encurralaram as pessoas com armas e tanques, provocando milhares de mortes. Todos os anos, no 4 de junho, a praça é patrulhada para impedir qualquer tipo de manifestação.

O sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (1940) diz que o movimento dos “Indignados” significa o aparecimento de um novo discurso político global que exige mais democracia e contesta o domínio dos mercados financeiros. Para serem coerentes, as decisões políticas têm de ter um só ponto de referência. Na democracia, esse ponto é a vontade dos cidadãos, e os conflitos decorrem das diferentes interpretações dessa vontade. Atualmente, para Sousa Santos, em vez de um há dois pontos de referência: a vontade dos cidadãos e a vontade dos mercados financeiros. Nas condições presentes, as duas são inconciliáveis. O desconforto, o inconformismo ou a indignação com o que existe faz com que nos obriguemos a interrogar criticamente nossa sociedade e buscar alternativas fundadas nas respostas que dermos a essas interrogações.

a não violência como força de mudança social

#jainismo

Religião fundada na Índia no século VI a.C. pelo sábio indiano Mahavira. É uma das religiões mais antigas da Índia, juntamente com o hinduísmo e o budismo. O jainismo tem como centro os seres humanos e ensina que o universo é eterno e não possui criador.

#Henry David Thoreau (1817-1862)

Filósofo norte-americano naturalista, crítico da ideia de desenvolvimento. Ele é mais conhecido por seu livro *Walden*, uma reflexão sobre a vida simples cercada pela natureza, e por seu ensaio *Desobediência civil*, uma defesa da desobediência civil individual como forma de oposição legítima frente a um Estado injusto.

#Leon Tolstói (1828-1910)

Escritor russo, autor de *Guerre e paz*, obra que o tornaria célebre, e *Anna Karenina*. Suas ideias revolucionárias sobre educação dos camponeses chocaram o espírito aristocrata da época.

#negligência

Desleixo, preguiça, ausência de reflexão, caracterizando-se também pela inação, inércia e passividade.

A história da humanidade é rica em exemplos de mudança social protagonizada por movimentos não violentos. Um dos casos mais destacados foi a luta pela independência da Índia, liderada por **Mahatma Gandhi** em 1930. O movimento foi fortemente influenciado pelos princípios da **religião jainista**, pelas ideias de desobediência civil de **Henry David Thoreau** e do anarquismo cristão de **Leon Tolstói**.

O exemplo indiano inspirou uma série de ações que ocorreram nas décadas seguintes. Muitas vezes, a expressão “não violência” é pensada genericamente, quase como um sinônimo de passividade. Entretanto, ela parte da ideia de que é possível realizar uma ação não violenta, é possível lutar por direitos e conquistas sem a utilização de armas.

O filósofo e historiador italiano Domenico Losurdo (1941) é um dos que reflete sobre essa forma de resistência. Segundo ele, para ser eficaz, a luta pela paz deve saber desmascarar a transformação promovida por diversas formas de poder da expressão “não violência”. Muitas vezes, ela é transformada numa ideologia destinada a legitimar o domínio do mais forte. Para viver a partir de princípios não violentos, é preciso não concordar com a violência em nenhuma das suas formas: física, psicológica, verbal, sexual e **negligência**.

#Mahatma Gandhi (1869-1948)

Mohandas Karamchand Gandhi, conhecido por Mahatma Gandhi (do sânscrito “Mahatma”, “a grande alma”), foi líder do movimento de independência indiana e o maior defensor do Satyagraha (princípio da não violência) como meio de revolução. O princípio do Satyagraha também inspirou gerações de ativistas como Martin Luther King Jr. e Nelson Mandela.

o nobel da paz e a liberdade do timor-leste

A luta pelos direitos humanos tem ocupado a maior parte da vida do jurista timorense **José Ramos-Horta**. Aos 18 anos, foi exilado em Moçambique por causa das suas duras críticas ao fracasso do governo em lidar com o subdesenvolvimento e a pobreza generalizada. Regressou ao Timor-Leste, por um breve período, mas foi exilado novamente por falar contra o regime militar português. Em 1974, Timor-Leste declarou a sua independência de Portugal, mas acabou sofrendo uma invasão da Indonésia, passando a enfrentar uma ocupação militar muito violenta. Tendo deixado o Timor-Leste apenas três dias antes da invasão, Ramos-Horta, então com 25 anos, passou os 24 anos seguintes no exílio, chamando a atenção do mundo para tal situação.

No exílio, Ramos-Horta sempre se utilizou do Direito Internacional e dos Estudos de Paz, para valorar o direito à autodeterminação dos povos, legitimando, assim, seu posicionamento para a libertação do território timorense. Também investiu esforços para que a resistência se unisse, o que ocorreu com a criação do Conselho Nacional de Resistência Maubere (CNRM), em 1988, quando foi indicado como representante pessoal de **Xanana Gusmão**, então presidente. José Ramos-Horta foi eleito presidente e governou o Timor-Leste entre 2007 e 2012.

Pelo seu trabalho na busca de uma solução justa e pacífica para o conflito no Timor-Leste, foi agraciado, em 1996, com o Prêmio Nobel da Paz junto ao seu conterrâneo Carlos Filipe Ximenes Belo.

Em 2008, foi vítima de um atentado, ficando gravemente ferido. Praticado por um grupo de militares rebeldes, demonstra que as cicatrizes deixadas pela presença estrangeira no país ainda são profundas e se ligam intrinsecamente à pobreza, à exclusão social e à burocracia estatal. Ao defender a aproximação com outros países lusófonos, bem como a reintrodução da língua portuguesa no país, Ramos-Horta tem pautado sua atuação na revalorização da história e da cultura de seu povo a partir da busca pela estabilidade social, evolução política e amadurecimento de suas instituições.

#Xanana Gusmão (1946)

Político timorense e um dos principais ativistas pela independência do Timor-Leste, tendo sido durante longos anos chefe da resistência timorense, durante a ocupação indonésia. Atualmente, ocupa o cargo de primeiro-ministro de seu país.

#José Ramos-Horta (1949)

Prêmio Nobel da Paz por seus esforços para impedir a opressão do seu povo. Em 2006, tornou-se primeiro-ministro do Timor-Leste e, um ano depois, presidente da República – segundo político eleito para o cargo após a independência da Indonésia. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2013.

A ÉTICA DA COMPAIXÃO

A escritora [Karen Armstrong](#) propõe uma ética comum às grandes religiões monoteístas, a compaixão. Ela vê o sofrimento como uma questão transversalmente partilhada pela nossa comum condição mortal, que, por si só, deveria permitir-nos entender a dor do próximo. Isso a leva a acreditar que hoje, mais do que nunca, o mundo precisa de compaixão. Sabermos entender e nos colocarmos no lugar do outro seria um imperativo ético.

Armstrong entrou no convento ainda com 17 anos, mas, decepcionada com a vida monástica, o deixou sete anos mais tarde. Em 2008, recebeu o TED Prize, com a proposta do lançamento e propagação da [Carta pela Compaixão](#), afirmando a necessidade de trazer esta palavra – e tudo o que ela significa – de volta às vidas de todos os cidadãos do mundo. A Carta foi lançada no final de 2009 e, desde então, tem se tornado um movimento mundial que inclui a Campanha para Cidades Compassivas.

#Karen Armstrong (1944)

Escritora britânica, criadora da Ong Charter for Compassion, focada em promover a compreensão e paz. Aborda, em quase todos os seus livros, a separação entre religião e filosofia, numa tentativa de reconstituir historicamente a união entre ambas. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2013.

#Carta pela Compaixão

Criado pela Ong Charter for Compassion, o documento é um esforço cooperativo mundial para restaurar não só a ideia de compaixão, mas a ação compassiva para o centro da vida religiosa, moral e política.

#Leymah Gbowee (1972)

Prêmio Nobel da Paz, a ativista liberiana foi encarregada de organizar o movimento que ajudou a colocar fim à Segunda Guerra Civil da Libéria em 2003. Seu trabalho de recuperação com crianças que foram meninos-soldados durante a guerra, a fez conhecida no mundo todo. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2013.

AS ARMAS DA PAZ

O cenário na Libéria, África, entre 1989 e 2003, era crítico. Tanto forças do governo como rebeldes assassinaram civis de maneira indiscriminada, estupraram mulheres e arrasaram cidades, plantações e vilarejos. É ali que a figura de [Leymah Gbowee](#) teve um protagonismo decisivo para a história do país. Ela reuniu as mulheres da Libéria sob sua liderança e formou um exército para exigir a paz. Esse grupo se pôs em destaque quando ocupou um campo de futebol na capital liberiana pelo qual a população inteira – inclusive o presidente Charles Taylor – passava diariamente. Sentadas e vestidas de branco, elas exibiam faixas pedindo a paz. O protesto foi decisivo durante as conversações de paz organizadas pela ONU em 2003, em Gana, onde delegados de vários países discutiam como resolver a guerra civil liberiana. A pressão feita pelas mulheres, inclusive com greve de sexo para conscientizar os maridos, incentivou o acordo que acabou por depor Taylor e terminar o conflito. Foi dessa forma que ganhou o apelido de “guerreira da paz”, entre muitos outros reconhecimentos.

Gbowee foi premiada com o Nobel da Paz em 2011 ao lado de sua compatriota e presidente Ellen Johnson Sirleaf e da iemenita Tawakkol Karman. O prêmio reconhece a importância da militância pacifista que trouxe o fim para muitas guerras civis. Gbowee, que trabalhou na guerra civil como assistente social, transformou a proteção às crianças em uma de suas grandes bandeiras.

REVOLUÇÃO MORAL

Nascido na Inglaterra, criado em Gana e radicado há 30 anos nos Estados Unidos, [Kwame Appiah](#) leciona Filosofia e Estudos Africanos e Afro-americanos na Universidade de Princeton. Filho de pai africano e metodista e de mãe inglesa e anglicana, ele aprendeu a conviver com a diversidade como algo natural e necessário.

No livro *O código de honra – Como ocorrem as revoluções morais*, ele defende que honra é honra em qualquer lugar, e não há cultura que justifique que seja praticada a humilhação ou a eliminação de um indivíduo. Appiah desafia as doutrinas separatistas e defende o cosmopolitismo, que é uma antiga filosofia helênica que prega sermos todos responsáveis pelo nosso semelhante no mundo – sem que seja necessário concordar com dogmas estabelecidos. Atitudes ligadas à honra podem, efetivamente, mudar o mundo.

A revolução moral das últimas três décadas é assinalada pelo autor como um grande avanço para a humanidade e um ambiente propício para declarar: “Se tivessem me dito à época que cheguei aos Estados Unidos que depois de 20 ou 30 anos eu poderia não apenas afirmar que sou gay como casar com outro homem, eu acharia um delírio. Esta é uma revolução moral”.

Um outro exemplo dado por Appiah aconteceu na metade do século XIX e se refere ao fim da prática da [amarração dos pés](#) das mulheres chinesas para que não crescessem e ficassem “delicados como uma flor de lótus”. Esse, porém, era um gesto de dominação masculina sobre as mulheres. Duas décadas depois, nenhuma mulher tinha mais os pés amarrados, e os defensores da campanha compreenderam que o fechamento dos pés era uma razão para vergonha e não para a honra do país.

Uma revolução moral precisa, portanto, da consciência de que uma tradição não é mais útil e desonra o país e da constituição de um movimento para criar uma alternativa.

#Kwame Anthony Appiah (1954)

Filósofo e escritor anglo-ganês, especializado em estudos culturais e literários. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2013.

#amarração dos pés

Tradição que durou do século X ao XX, tratava-se de uma modificação corporal extrema, em que mulheres chinesas amarravam os pés desde a infância para que atrofiassem e ficassem pequenos. Na cultura oriental, a idolatria pelo pé feminino é antiga.

#SOCIEDADEemREDE

O ANO DE 2011 FOI MARCADO PELO INÍCIO DE UMA SÉRIE DE PROTESTOS EM TODO O PLANETA. MESMO DIFERENTES ENTRE SI, ELES SE APROXIMARAM EM TRÊS CARACTERÍSTICAS: FORAM ARTICULADOS POR JOVENS DE CLASSE MÉDIA ESCOLARIZADOS, CONTARAM COM AMPLO USO DAS TECNOLOGIAS INFORMACIONAIS E USARAM COMO TÁTICA A OCUPAÇÃO DE LUGARES PÚBLICOS, MOSTRANDO UMA FACE APARTIDÁRIA E HORIZONTAL.

Os jovens expressaram um desejo de democracia e participação como indignação diante de ditaduras (caso do Norte da África) ou do avanço do poder econômico, sintetizado na expressão “somos 99%”, proclamada pelo movimento **Occupy Wall Street**, para confrontar o 1% concentrado na Bolsa de Valores de Nova York. Ou ainda do lema “democracia real, já”, defendido pelos indignados espanhóis. No Brasil, esses protestos se multiplicaram a partir de junho de 2013, e ficaram conhecidos como *vemPraRua*, uma das expressões mais cantadas no período.

Já antes dos grandes movimentos que tomaram as ruas no mundo, as mobilizações de rua iniciadas nas redes sociais eram frequentes. Conhecidas com o nome de *flashmobs*, geralmente são organizadas a partir do uso viral da web, principalmente em redes sociais como o Facebook, Twitter e YouTube. Elas não representam instituições públicas ou privadas e delas participam pessoas comuns que nem sempre se conhecem, mas compartilham algum tipo de identidade.

A primeira *flashmob* foi criada em Manhattan em 2003, pelo jornalista Bill Wasik e organizada via e-mail. Wasik mandou a mensagem para aproximadamente 50 amigos combinando um encontro em frente a uma loja de acessórios. A *mob* não teve sucesso, pois a loja foi avisada e a polícia foi acionada, evitando que o encontro acontecesse. Outros autores situam o início das *flashmobs* na Europa, no tempo em que as festas raves eram proibidas e as pessoas combinavam pela internet o lugar de encontro para realizar a festa.

Os movimentos populares de combate à corrupção que ocorreram em 15 de novembro de 2011, com manifestações em mais de 30 cidades brasileiras, também foram organizados com o uso de redes sociais.

#Occupy Wall Street (2011)

Movimento de protesto contra a desigualdade econômica e social, contra a ganância, a corrupção e a indevida influência das empresas – sobretudo do setor financeiro – no governo dos Estados Unidos.

@mundoEmRede

www.fronteiras.com

O sociólogo **Manuel Castells**, professor da Universidade da Catalunha, contribuiu decisivamente para compreender as expressões sociais e políticas da contemporaneidade refletindo sobre a sociedade em rede. Para ele, a estrutura social em rede se desenvolve numa base tecnológica: a internet, as redes sociais e a comunicação móvel, assim como a era industrial, se basearam na rede elétrica. A multiplicação de conexões com e sem fio, o acesso a dispositivos como celulares e tablets que possibilitam a conexão, mas também a produção de informação escrita, fotográfica, sonora ou audiovisual por parte de qualquer usuário e o compartilhamento imediato dessa informação, instauram um ambiente social e comunicacional novo.

A internet chega hoje a 3 bilhões de usuários. É nesse cenário que os movimentos de protestos iniciam suas reivindicações a condições econômicas e sociais de injustiça social, provocando uma indignação que se espalha rapidamente de forma viral. Mas as redes não estão somente na internet. Redes de fora desse âmbito também são acionadas. Caso um nodo da rede seja cortado, há outros nodos que se reorganizam. Por não ter estrutura formal, a rede se protege dos problemas internos de burocracia. Para Castells, os movimentos devem tomar as ruas porque, para afirmar sua dignidade, devem ser visíveis e desafiar a ordem estabelecida para que possa haver um diálogo. Eles acontecem, portanto, em três níveis espaciais: o espaço da rede, o espaço público e o espaço público institucional transformado após o diálogo com os poderes estabelecidos.

Os problemas que dão origem a esses movimentos são globais. À semelhança da rede, os movimentos têm uma organização complexa, pois eles não têm líderes que permaneçam por muito tempo no comando. São processos de deliberação que aprendem a experimentar novas formas de democracia. Essas formas de participação criam, sobretudo, o sentimento de estar juntos.

Para Castells, as tecnologias de comunicação atuais são difíceis de destruir. Quando se desconecta a internet, o movimento já está na rua e toma conta de outras redes. É o caso do movimento hacker mundial, com pessoas que se dedicam a defender o direito à liberdade de comunicação e promovem a cultura da autonomia. Para ele, a mudança é irreversível e está ligada aos novos valores que surgem nesse processo e não àquilo que se conquista no final. Há ali uma visão de mundo que emerge no processo de lutas e reivindicações.

#Manuel Castells (1942)

Sociólogo espanhol, sua obra virou referência obrigatória na discussão das transformações sociais do final do século XX. Suas pesquisas abrangem os mais diversos campos – da política econômica às sociologias urbana e cultural, e investiga, há mais de duas décadas, os efeitos da informação sobre a economia, a cultura e a sociedade em geral. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2013.

OLHARES

SOBRE DEMOCRACIA E GLOBALIZAÇÃO

Costuma-se chamar de globalização o processo de transformações econômicas e políticas que vêm acontecendo nas últimas décadas. A principal característica é a integração dos mercados mundiais com a exploração de grandes empresas multinacionais. Junta-se a isso a grande revolução tecnológica com o uso cada vez maior de dispositivos computacionais e a uniformidade das informações com o surgimento e a explosão da internet e dos canais de televisão por assinatura. Com isso, os países passam a interagir na economia, na política e também na cultura.

O filósofo **Antonio Negri** defende que a nova realidade sociopolítica do mundo é definida por uma forma de organização diferente da hierarquia vertical ou das estruturas de poder “arborizadas”. Ou seja, ela parte de um tronco único para diversas ramificações ou galhos cada vez menores. Para Negri, essa nova dominação é constituída por redes assimétricas, e as relações de poder se dão mais por via cultural e econômica do que pelo uso coercitivo de força. Ele entende que entidades organizadas como redes (tais como corporações, Ongs e até grupos terroristas) têm mais poder e mobilidade (portanto, mais chances de sobrevivência no novo ambiente) do que instituições clássicas da modernidade (como o Estado, partidos e empresas tradicionais).

#Antonio Negri (1933)

Filósofo político marxista italiano, ganhou notoriedade internacional nos primeiros anos do século XXI, após o lançamento do livro *Império*, que se tornou um manifesto do movimento antiglobalização.

PROTESTOS EMOCIONAIS

Para o filósofo **Slavoj Zizek**, os protestos são reações a facetas diferentes da globalização capitalista. A tendência geral do capitalismo global de hoje é expandir ainda mais o império do mercado, combinada com o progressivo fechamento do espaço público, a redução da oferta básica dos serviços (saúde, educação e cultura) e uma gestão sempre mais autoritária do poder político. A conclusão de Zizek é de que as manifestações são uma tomada de consciência de que a forma atual da democracia representativa não é suficiente para combater os excessos do capitalismo e de que, portanto, a democracia deve ser reinventada.

Já o sociólogo **Zygmunt Bauman** defende que os graves problemas da crise atual têm como causa principal a dissociação entre as escalas da economia e da política. As forças econômicas são globais e os poderes políticos, nacionais. Essa descompensação converte a globalização em uma força nefasta.

#Slavoj Zizek (1949)

Filósofo e teórico crítico esloveno, é conhecido por suas interpretações de Jacques Lacan numa nova leitura da cultura popular, abordando temas como cinema e tópicos como tolerância e subjetividade nos tempos pós-modernos

#Zygmunt Bauman (1925)

Sociólogo polonês, conhecido mundialmente por seu conceito de “modernidade líquida” – em que as ideias de emancipação, individualidade, tempo/espaço, trabalho e comunidade estão propensas a mudar com rapidez e de forma imprevisível.

Bauman qualifica os movimentos globais de protestos como “emocionais”. Para ele, “embora a emoção seja útil para destruir, parece inepta para construir algo. As pessoas de qualquer classe e condição reúnem-se nas praças e gritam os mesmos *slogans*. Todos estão de acordo sobre o que rechaçam, mas haveria 100 respostas diferentes se se perguntasse a eles o que desejam”.

Para o polonês, a emoção é “líquida”. Ferve muito, mas também esfria momentos depois. A emoção é instável e inapropriada para configurar algo coerente e duradouro. Aos movimentos falta-lhes pensamento. Apenas com emoções não se chega a lugar algum. O alvoroço da emoção coletiva reproduz o espetáculo de um carnaval, que acaba em si mesmo, sem consequência. Durante o carnaval, tudo está permitido; mas, quando ele termina, volta a normativa de antes. Em alguns lugares, não em todos, o movimento alcançou conquistas importantes. O “líquido” continua válido para a previsão do futuro. A modernidade líquida se expressa, obviamente, em falta de solidez e estabilidade. Nada se encontra suficientemente determinado. Nem as ideias, nem os amores, nem os empregos. Por isso, Bauman teme que o arrebatamento também acabe “em nada”. Não é certo, mas, sendo líquido, como não pensar no risco de sua evaporação?

SÉCULO XXI

As múltiplas demandas de uma juventude diversa

No Brasil, eles apareceram em 2012. Inicialmente, pareciam estar ligados à melhoria do transporte público, como noticiavam os veículos de São Paulo para o resto do País. Porém, a situação foi ficando mais complexa e violenta. Os protestos mundiais já alcançam alguns anos e um grande número de países. Diretamente interligados ou não, apresentam características comuns como a juventude dos manifestantes, bem como a exigência dos direitos básicos – saúde, moradia, participação política, trabalho e liberdade de expressão.

PRIMAVERA ÁRABE LÍBIA (2011)

Famílias de prisioneiros fizeram uma manifestação pacífica pedindo por direitos humanos e democracia. A violência começou quando forças de segurança prenderam um jovem advogado e ativista. Em questão de horas, centenas se reuniram na delegacia pedindo sua libertação. Os protestos se intensificaram, virando uma violenta guerra civil.

Reivindicações: queda do regime, direitos humanos, democracia e unidade nacional.

PRIMAVERA ÁRABE EGITO (2011)

Inspirados na revolta da Tunísia, ativistas do Egito foram às ruas durante um feriado nacional ligado às Forças Armadas, chamando a data de “Dia de Fúria”.

Milhares marcharam no centro da capital (Cairo), em direção à praça Tahrir, que virou o epicentro da revolta. Logo as manifestações se espalharam por todo o país.

Reivindicações: queda do governo, melhores condições de vida, liberdade de expressão e mais empregos.

TUNÍSIA (2010)

Mohamed Bouazizi, um vendedor de frutas na cidade de Sidi Bouzid, teve seus produtos confiscados por um agente municipal e apanhou quando tentou reagir. Ele então ateou fogo ao próprio corpo, gerando protestos locais. As manifestações se espalharam pelo país e passaram a refletir uma série de descontentamentos da população com o governo.

Reivindicações: queda do governo, melhores condições de vida, combate à violência policial, mais empregos e direitos humanos.

OCCUPY WALL STREET (2011)

Uma revista canadense publicou artigo afirmando que os norte-americanos, inspirados na revolta no Egito, deveriam realizar uma ocupação pacífica em Wall Street para condenar a influência das grandes corporações financeiras no governo norte-americano. Centenas de manifestantes ocuparam o parque Zuccotti em oposição à ganância das corporações e à corrupção. O protesto ganhou o apoio de sindicatos e movimentos civis, espalhando-se pelo país e por outras cidades do mundo.

Reivindicações: com o slogan “Somos os 99%”, em referência à concentração de renda nos EUA, manifestantes pediram o fim da influência das corporações financeiras no governo, do favorecimento dos ricos, e melhorias no sistema de saúde e de educação.

IRÃ (2010)

Quando o presidente Mahmoud Ahmadinejad foi reeleito com 62,6% dos votos, o candidato Mir-Hossein Mousavi alegou fraude nas eleições e pediu para que uma nova votação fosse realizada. Milhares de manifestantes que contestaram o resultado, em apoio ao candidato perdedor, saíram às ruas, fato sem precedentes no país persa desde a Revolução Islâmica, em 1979.

Reivindicações: anulação dos resultados eleitorais e liberdade de expressão.

GRÉCIA (2008)

A Grécia gastou bem mais do que podia na última década, pedindo empréstimos pesados e deixando sua economia refém da crescente dívida, que está em torno de 300 bilhões de euros. Para honrar seus compromissos, deve receber, ao longo de três anos, um empréstimo de cerca de 110 bilhões de euros. A condição para o empréstimo era que o governo grego cortasse gastos e aumentasse impostos – medidas austeras que afetaram o povo profundamente.

Reivindicações: barrar as medidas de austeridade, que contemplam a demissão de 14 mil funcionários públicos

até o fim de 2014 e nova redução do salário mínimo, entre outras ações.

REINO UNIDO (2011)

Manifestantes saíram às ruas pacificamente para protestar contra a morte de um londrino de 29 anos por policiais. O protesto se tornou violento depois que garrafas de vidro foram jogadas contra carros da polícia e um deles foi incendiado. Jovens destruíram prédios públicos, saquearam lojas e confrontaram a polícia em várias cidades do país.

Reivindicações: os distúrbios no Reino Unido não apresentaram demandas claras, mas foram reflexo do crescente desemprego, da recuperação lenta da economia e dos cortes orçamentários para setores públicos caros à juventude, como a educação.

ESPANHA (2011)

Chamados por alguns meios espanhóis de Movimiento 15-M ou movimento dos Indignados, são uma série de protestos espontâneos de cidadãos inicialmente organizados pelas redes sociais e idealizados em primeiro momento pela plataforma civil e digital ¡Democracia Real Ya!

Reivindicações: empregos, fim da corrupção e respeito pelos direitos básicos, como habitação, trabalho, cultura, saúde, educação, participação política, livre desenvolvimento pessoal e direito a bens de primeira necessidade.

TURQUIA (2013)

Manifestantes se reuniram pacificamente na praça Taksim, Istambul, para protestar contra planos do governo de construir um shopping no local. A dura repressão policial contra a mobilização provocou fúria entre a população, deflagrando protestos que se tornaram um dos maiores desafios do governo, acusado de autoritarismo pelos manifestantes.

Reivindicações: manutenção do parque, direitos humanos e saída do primeiro-ministro do poder.

PROTESTE JÁ



Tênis, sapatos sociais, moicanos coloridos e chapinhas. Religiosos e ateus. Sem partido político, com partido político. A pé, de bicicleta ou de carro, pouco importava. Eram milhares de pessoas nas ruas com cartazes pedindo reserva de mais cotas para negros nas universidades, melhoria do transporte público, mais atenção à saúde, fim da corrupção e até liberdade para a Palestina.

As ruas do Brasil viram uma explosão de demandas aparentemente sem ligação. Passeatas tomaram conta das principais cidades do Brasil. Sociólogos se reuniram em universidades e veículos de comunicação para tentar compreender e explicar o fenômeno. Todos queriam saber o que estava acontecendo, mas parecia que nem os próprios manifestantes sabiam ao certo.



PROTESTE CONTRA O QUÊ?

“O povo quer ser ouvido. Quem disse que não tem liderança? Cada grupo que forma aquela multidão tem sua liderança: é o pessoal a favor do aborto, contra, que quer casamento gay, que não quer. É uma multiplicidade de lideranças. O recado é claro: **queremos participar, ser respeitados e ouvidos. E o foco é o poder público**”, explica o sociólogo e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Paulo Baía.

A democracia participativa aparecia como reivindicação quase unânime no furacão plural de pedidos dos manifestantes, que se organizavam por meio da internet. Baía aponta que o poder das redes virtuais ocorre porque lá o cidadão se sente incluído no movimento. Não há separação

entre tela e rua. Um convida, o outro vai. Um organiza, o outro faz ouvir. Nos fóruns virtuais sobre os protestos, os jovens participam de votações para escolher o trajeto das passeatas e as novas demandas comuns. “No mundo

virtual, a hierarquização é mais horizontal. Por isso, parece realmente ser mais participativo e inclusivo”, afirma o professor.

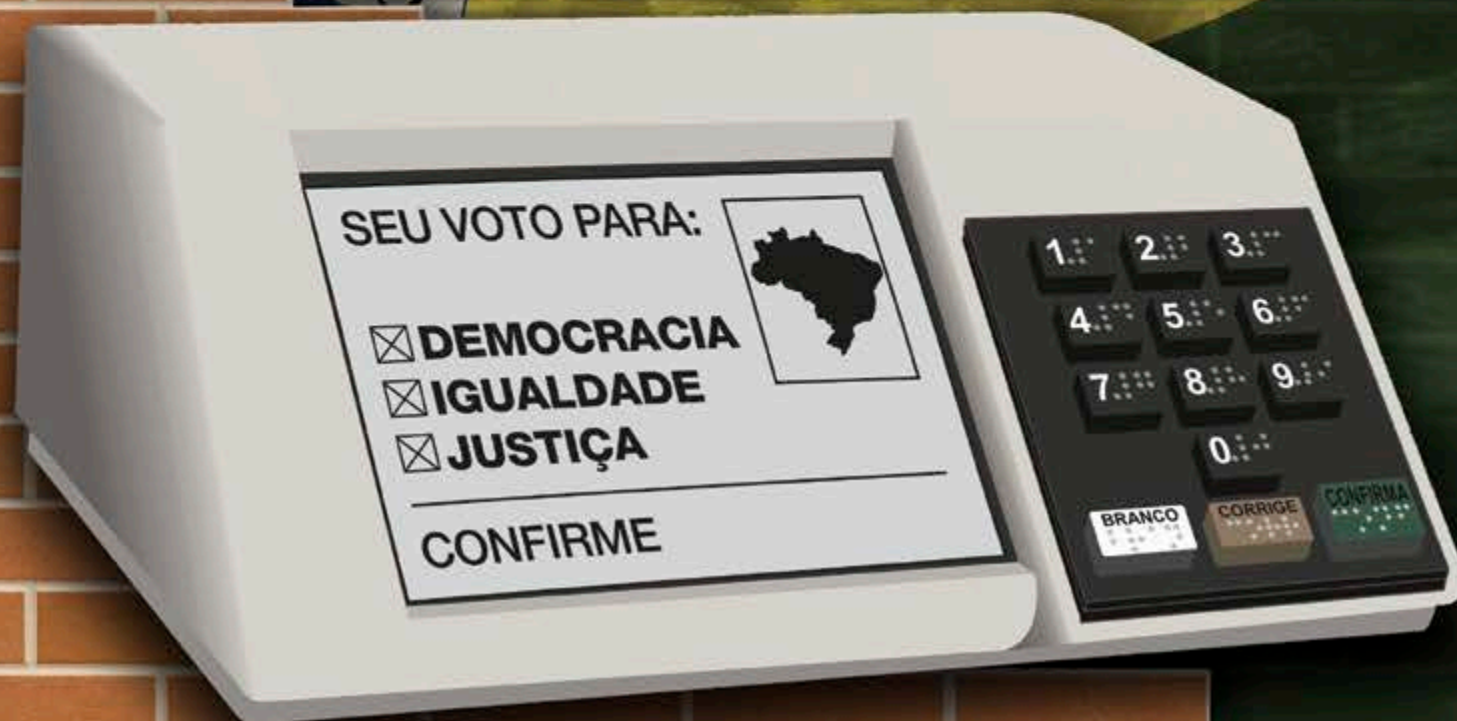
O sociólogo Manuel Castells já defendeu que as relações humanas, cada vez mais, vão acontecer no ambiente de multimídia. Contudo, ressalta: “Se querem mudanças, não bastam somente as críticas na internet. É preciso tornar-se visível, desafiar a ordem estabelecida e forçar um diálogo”. Castells explica que a passagem da tela para a rua acontece porque o espaço público tem sido sistematicamente tomado por locais privados e a sociedade se sente órfã de ambientes gratuitos, criados para interação e socialização. A falta de espaços como parques, que vão sendo substituídos por empreendimentos como *shopping centers*, “é a negação do direito básico à cidade”. O direito, argumenta Castells, “de se reunir e ocupar um espaço sem ter que pagar, sem ter que consumir ou pedir permissão a autoridades. Por isso, tenta-se ultrapassar a lógica da liberdade na internet à liberdade no espaço urbano”.

Democracia participativa

Democracia participativa (ou democracia deliberativa) é um regime com efetivos mecanismos de gestão exercidos pela sociedade civil sobre a administração pública, não se reduzindo o papel democrático apenas ao voto.

Mesmo que a democracia seja realidade crescente no mundo, também cresce o que vem sendo considerado como **crise da representação política**. Chegamos ao fim do século XX nos deparando com um colapso desta forma representativa. Os representantes já não conseguem mais identificar e atender todas as demandas da sociedade. Primeiro, porque a globalização e a economia mundial enfraqueceram o poder dos Estados. Segundo, porque a sociedade tem se organizado melhor em torno de questões importantes e as organizações sociais têm cobrado de maneira mais efetiva os governos e seus representantes. As exigências vêm se tornando mais complexas e daí surge a necessidade de interatividade entre o governo e a sociedade, ou seja, entre representantes e representados. Como resultado, começa a se fortalecer o conceito de democracia participativa, com características semidiretas, ou seja, não desconsidera os representantes, mas aproxima a sociedade do campo de decisões oficiais.

A Organização das Nações Unidas (ONU), em seu relatório sobre o Índice de Desenvolvimento Humano de 2000, define uma nova forma de se entender a democracia. Já não basta votar em eleições livres ou garantir a existência de partidos de oposição, liberdade de imprensa ou de expressão. As nações modernas precisam incentivar a sociedade a se organizar. O objetivo é fazer com que, juntos, os cidadãos reivindiquem espaço e avancem em suas conquistas. Ao Estado cabe oferecer ferramentas que facilitem essas demandas.



A “Geração Z” é sujeito e protagonista no mundo do século XXI. Com amplo acesso a todos os caminhos da informação abertos na esfera digital, ela pode chegar a uma qualidade de conhecimento extraordinária, revolucionária. Além disso, nos dias de hoje, é possível contar com dispositivos digitais variados, carregados junto ao corpo, que permitem conexão permanente com uma imensa rede internacional. A amizade, o relacionamento e o conhecimento ganharam um novo cenário. Isso potencializa os momentos para aprender sobre o patrimônio e os desafios da humanidade e agir para melhorar o mundo, em atitudes que vão do indivíduo à nação, do bairro ao globo conectado. Os movimentos sociais dos jovens são um exemplo dessa onda de mobilização. Nos últimos anos, estão ocorrendo protestos em muitos países, inclusive no Brasil. Engajamento que surgiu nas redes sociais e saiu às ruas. Um fenômeno global de insatisfação que encontra ecos em episódios históricos. Reivindicações que precisam ser entendidas e refletidas, pois podem representar um novo caminho para uma democracia mais participativa.

PATROCÍNIO



PARCERIA INSTITUCIONAL



REALIZAÇÃO

FRONTEIRAS DO PENSAMENTO

